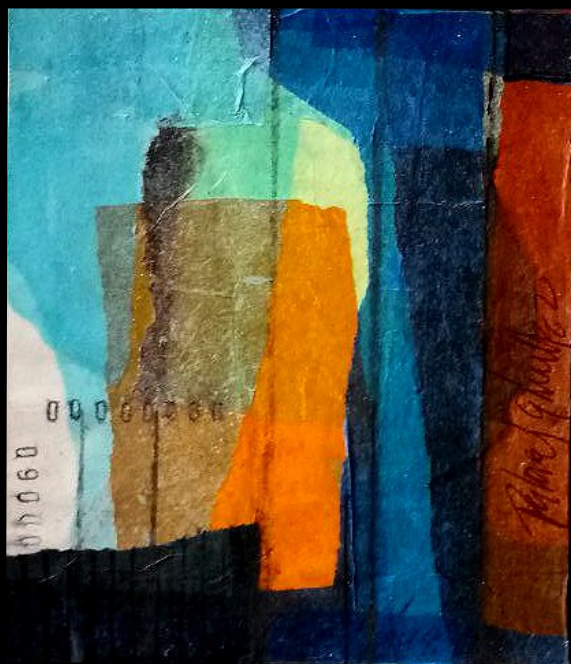


Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 30 - n.º 32 - Año 2026
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024
mixta sobre cartulina - collage / 20 x 20 cm

Artículo

Da estrela ao mulungu: a reconfiguração de Macabéa em Conceição Evaristo

De la estrella al mulungu: la reconfiguración de Macabéa en Conceição Evaristo

From the star to the mulungu: the reconfiguration of Macabéa in Conceição Evaristo

Renata Maria Araujo Silva¹

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

renata20241004294@alu.uern.br

Recibido 20-01-2026

Aprobado 27-02-2026

Sebastião Marques Cardoso²

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

sebastiaomarques@uern.br

Resumo: O presente texto analisa o conto *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023), de Conceição Evaristo, concebido como uma reescrita inspirada no romance *A hora da estrela* (2020), de Clarice Lispector. Busca-se compreender como Evaristo reinscreve a personagem Macabéa sob uma perspectiva decolonial, marcada pela ancestralidade negro-brasileira, oferecendo uma releitura crítica que tensiona o cânone literário. A pesquisa adota uma metodologia de análise crítico-interpretativa de textos literários, apoiada em reflexões sobre reescrita, decolonialidade, estudos pós-coloniais e diásporas negras. Os resultados apontam que a reimaginação de Macabéa não apenas rompe com o silenciamento da personagem clariceana, mas também a reinscreve como sujeito miscigenado, diaspórico e legitimado pela memória ancestral, consolidando um pensamento literário que articula tradição afrodiaspórica, decolonialidade e crítica pós-colonial.

1. Doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras (UERN), no Campus Avançado de Pau dos Ferros - RN. Mestra em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (UERN). Formada em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE). Professora efetiva da Educação Básica no município de Jaguaruana - CE. Participa do Grupo de Pesquisa em Literatura de Língua Portuguesa - GPORT (UERN). Código ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3353-9876>

2. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Docente permanente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE-FALA) e dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Código ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2296-3062>

¿Cómo citar?

Araujo, R. y Marques, S. "Da estrela ao mulungu: a reconfiguração de Macabéa em Conceição Evaristo". *Contexto*, vol. 30, n.º 32, 2026, pp. 165-177.



UNIVERSIDAD
DE LOS ANDES
DR. PEDRO RINCÓN GUTIÉRREZ
TACHIRA VENEZUELA

Palavras-chave: Clarice Lispector; Conceição Evaristo; *Macabéa, Flor de Mulungu*; literatura brasileira contemporânea; representação literária da mulher.

Resumen: El presente trabajo analiza el cuento *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023), de Conceição Evaristo, concebido como una reescritura inspirada en la novela *A hora da estrela* [*La hora de la estrella*] (2020), de Clarice Lispector. Se busca comprender cómo Evaristo reinscribe al personaje Macabéa desde una perspectiva decolonial, marcada por la ancestralidad afrobrasileña, ofreciendo una relectura crítica que tensiona el canon literario. La investigación adopta una metodología de análisis crítico-interpretativo de textos literarios, sustentada en reflexiones sobre reescritura, decolonialidad, estudios poscoloniales y diásporas negras. Los resultados indican que la reimaginación de Macabéa no solo rompe con el silenciamiento del personaje clariceano, sino que también lo reinscribe como sujeto mestizo, diaspórico y legitimado por la memoria ancestral, consolidando un pensamiento literario que articula tradiciones afrodiaspóricas, decolonialidad y crítica poscolonial.

Palabras clave: Clarice Lispector; Conceição Evaristo; *Macabéa, Flor de Mulungu*; literatura brasileña contemporânea; representación literaria de las mujeres.

Abstract: This paper analyzes the short story *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023), by Conceição Evaristo, conceived as a rewriting inspired by the novel *A hora da estrela* [*The Hour of the Star*] (2020), by Clarice Lispector. The study seeks to understand how Evaristo reinscribes the character Macabéa from a decolonial perspective, marked by Afro-Brazilian ancestry, offering a critical rereading that challenges the literary canon. The research adopts a critical-interpretative methodology for the analysis of literary texts, grounded in theoretical reflections on rewriting, decoloniality, postcolonial studies, and Black diasporas. The results indicate that the reimagining of Macabéa not only breaks with the silencing of Lispector's character but also reinscribes her as a mestizo, diasporic subject legitimized by ancestral memory, thus consolidating a literary perspective that articulates Afro-diasporic traditions, decoloniality, and postcolonial critique.

Keywords: Clarice Lispector; Conceição Evaristo; *Macabéa, Flor de Mulungu*; contemporary Brazilian literature; literary representation of women; critical review.

Pensar é um ato. Sentir é um fato.
LISPECTOR, p. 9.

Considerações iniciais

Publicado em 1977, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector,³ consolidou-se como uma das obras mais emblemáticas da literatura brasileira do século XX. Marcado por uma narrativa introspectiva e filosófica, o romance apresenta a trajetória de Macabéa, uma jovem nordestina, órfã e pobre que migra para o Rio de Janeiro em busca de sobrevivência. A personagem é construída a partir de um olhar mediado pelo narrador masculino Rodrigo S. M., cuja posição social, cultural e de gênero evidencia assimetrias de poder que atravessam a narrativa, produzindo uma representação marcada pelo silenciamento, pela invisibilidade social e pela precarização da existência feminina nordestina no espaço urbano.

Quase cinco décadas após a publicação da obra clariceana, Conceição Evaristo⁴ retoma essa personagem no conto *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023), propondo uma reescrita que desloca significativamente os sentidos atribuídos à protagonista clariceana. Ao reinscrever Macabéa sob a perspectiva negro-brasileira e decolonial, Evaristo tensiona o cânone literário e reconfigura a personagem a partir da ancestralidade, da memória coletiva e do agenciamento feminino. Nessa releitura, Macabéa deixa de ser apenas signo de exclusão social para assumir uma identidade atravessada por saberes tradicionais, práticas comunitárias e vínculos ancestrais, simbolizados pela flor de mulungu – planta associada à cura, à ancestralidade e à circularidade da vida.

3. Clarice Lispector (1920–1977) nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, em uma família judia. Ainda bebê, imigrou com a família para o Brasil, estabelecendo-se inicialmente em Maceió (AL) e, posteriormente, em Recife (PE), cidade onde passou a infância e adolescência. Na década de 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou no curso de Direito, embora nunca tenha exercido a profissão. Em 1943, publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, obra que garantiu reconhecimento imediato no cenário literário brasileiro. Casou-se com o diplomata Maury Gurgel Valente, o que a levou a viver em diversos países, como Itália, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos. Essa experiência de deslocamento e estranhamento cultural marcou profundamente sua vida pessoal e sua escrita. Após o divórcio, fixou sua residência no Rio de Janeiro. Atuou como cronista em importantes jornais e revistas, conciliando a produção literária com a criação de seus dois filhos. Faleceu em 9 de dezembro de 1977, um dia antes de completar 57 anos. *A hora da estrela* (1970), sua última obra, problematiza a representação da alteridade e da exclusão social por meio da personagem Macabéa. Sua trajetória biográfica, atravessada por experiências de migração, deslocamento, maternidade e solidão, dialoga profundamente com sua escrita, consolidando-a como uma das figuras mais singulares e influentes da literatura brasileira.

4. Conceição Evaristo (1946), nasceu em Belo Horizonte, MG, em uma família negra e pobre, e cresceu em uma favela. Desde cedo, sua trajetória foi marcada pela experiência da exclusão social, do trabalho doméstico e do acesso tardio à escolarização formal, vivências que se tornariam centrais em sua produção literária e intelectual. Mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970, onde conciliou o trabalho de empregada doméstica com os estudos. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal

Diferentemente da narrativa de Lispector, na qual Macabéa é reiteradamente descrita como uma figura apagada e destituída de consciência crítica sobre sua própria condição como mulher imigrante, nordestina e semiletrada, a reescrita de Evaristo confere à personagem uma condição de agenciamento de sua condição feminina, lhe conferindo voz, historicidade e pertencimento. A protagonista de Evaristo passa a ser representada como uma mulher miscigenada, herdeira de matrizes indígenas, africanas e europeias, fruto autêntico da formação do povo brasileiro, cuja existência é sustentada por práticas de cuidado, como o ofício de parteira e o domínio de saberes tradicionais provindos de cada cultura. Trata-se, portanto, de uma reconstrução simbólica que rompe com estereótipos sobre a mulher nordestina e desloca a narrativa para um horizonte de resistência e reexistência.

Diante disso, este breve estudo tem como objetivo analisar de que modo Conceição Evaristo reconfigura a personagem Macabéa por meio da reescrita literária, articulando a *escrevivência*⁵ no quadro da colonialidade brasileira. A leitura crítica propõe uma interpretação comparativa entre *A hora da estrela* (2020), de Clarice Lispector, e *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023), de Conceição Evaristo, buscando compreender como a reimaginação da personagem promove um gesto estético-político de contestação às narrativas hegemônicas e de afirmação das subjetividades femininas negras no contexto da literatura brasileira contemporânea.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter crítico-interpretativo, fundamentada em aportes teóricos da reescrita literária em diálogos com os estudos decoloniais, como o feminismo negro e também com a crítica pós-colonial. Para tanto, o texto organiza-se em duas seções principais: a primeira dedica-se à discussão breve e panorâmica sobre a reescrita e a decolonialidade, enquanto a segunda concentra-se na análise comparativa das duas narrativas, com ênfase na ressignificação da personagem, na desconstrução de discursos hegemônicos e na ancestralidade como eixo estruturante da narrativa de Evaristo.

do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua obra literária e ensaística destaca-se pela centralidade da memória, da ancestralidade e das experiências das mulheres negras, dialogando com o feminismo negro, a crítica social e as epistemologias decoloniais. É autora de romances, contos e poemas, além de formular o conceito de *escrevivência*, que articula escrita e experiência vivida como prática estética e política.

5. Conceito formulado por Conceição Evaristo para designar uma escrita profundamente vinculada às experiências de vida de quem escreve, especialmente às vivências históricas, sociais e afetivas das mulheres negras. Para a autora, a escrita nasce da memória, da oralidade e da ancestralidade, ultrapassando o caráter estritamente autobiográfico ao incorporar experiências coletivas marcadas pela pobreza, pelo racismo e pela exclusão social. Trata-se de uma prática estética e política que reivindica o direito à palavra para sujeitos historicamente silenciados, confronta o cânone literário eurocentrado e transforma a literatura em um espaço de resistência, denúncia e afirmação identitária, uma escrita que, nas palavras de Evaristo (“A *escrevivência*...”, p. 30), “traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana”.

Reescrita e decolonialidade: o poder das palavras na resignificação da personagem Macabéa

As reflexões acerca da reescrita literária pressupõem, inevitavelmente, o debate sobre a relação entre autor, texto e leitor. Nesse sentido, Roland Barthes, em seu ensaio “A morte do autor”, desloca o eixo de produção de sentido do texto para a instância da leitura, ao afirmar que “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor” (Barthes, p. 64). Tal perspectiva compreende a leitura como um ato criativo e ativo, no qual o leitor assume papel fundamental na construção dos significados, conferindo novos sentidos às narrativas a partir de suas experiências históricas, sociais e culturais.

Sob essa ótica, a reescrita configura-se como um gesto interpretativo que ultrapassa a simples retomada de um texto anterior, constituindo-se como prática de resignificação estética e simbólica. Ao reescrever, o leitor-autor reelabora enredos e personagens, deslocando-os de seus contextos originais e reinscrevendo-os em novas configurações discursivas, atravessadas por outras vozes, memórias e posicionamentos ideológicos.

Jean-Paul Sartre, por sua vez, enfatiza o caráter ético e político da escrita ao defender o compromisso do escritor com seu tempo histórico. Para o autor, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (Sartre, p. 21). Nessa perspectiva, a escrita literária não se configura como prática neutra, mas como forma de engajamento que revela, denuncia e problematiza o mundo tácito existente, suas estruturas, seus legados e imaginários. O autor, ao escrever, assume uma posição no mundo, inscrevendo e revelando outros valores, conflitos e tensões que são postos em evidência na sua produção.

Complementarmente, Michel Foucault, em “O que é um autor”, amplia essa discussão ao problematizar a função-autor como instância de legitimação discursiva. Para o filósofo, o nome do autor não se restringe a uma simples designação, mas opera como princípio de organização, circulação e autoridade do discurso (Foucault, 2001). Desse modo, a autoria assume um papel estratégico na recepção da obra, influenciando sua interpretação e seu valor simbólico no campo literário.

Embora partam de pressupostos distintos, os autores pós-estruturalistas europeus Barthes, Sartre e Foucault convergem ao evidenciar a complexa relação entre autor, leitor e texto, ressaltando que o sentido literário emerge de um jogo dinâmico entre produção, circulação e recepção. Tal entendimento é corroborado por Zappone e Wielewiczki (p. 22) ao afirmarem que a literatura deixa de ser definida

exclusivamente por propriedades intrínsecas do texto e passa a ser compreendida a partir do ato interpretativo do leitor, responsável por atualizar e produzir significados a partir da percepção individual de cada leitor que constrói sua própria personalidade crítica.

Essa abordagem se revela especialmente significativa ao se levar em conta a necessidade de uma literatura que inclua vozes historicamente silenciadas, como, por exemplo, a de mulheres e de indivíduos negros. Nesse contexto, a reescrita assume um papel político ao possibilitar a revisão de narrativas hegemônicas e a emergência de perspectivas marginalizadas. Autores oriundos de grupos subalternizados, ao reinscreverem personagens e histórias consagradas pelo cânone, produzem deslocamentos discursivos que desestabilizam verdades naturalizadas pelo colonialismo e pelo imaginário puramente eurocêntrico, dando, portanto, uma outra visão de grupos extensamente mistificados na historiografia literária brasileira.

É nesse horizonte que se insere o conceito de decolonialidade, entendido como um conjunto de práticas teóricas e epistemológicas voltadas à crítica das estruturas coloniais de poder, saber e ser. A decolonialidade propõe a valorização de epistemes outras, historicamente deslegitimadas, e se configura como instrumento de enfrentamento às hierarquias raciais, culturais e sociais construídas ao longo de séculos de dominação colonial.

No contexto brasileiro, Nilma Lino Gomes (p. 227) destaca a perspectiva negra decolonial como produtora de um pensamento engajado, no qual reflexão e ação se articulam de forma indissociável. Para a autora, intelectuais negras e negros que atuam nessa perspectiva assumem uma posição crítica que ultrapassa o campo teórico, incidindo diretamente sobre práticas sociais e culturais. Sob esse prisma, Conceição Evaristo insere-se como uma das principais vozes da literatura negro-brasileira contemporânea, ao contribuir com narrativas que articulam representatividade, memória e resistência.

A escrita de Evaristo, marcada pelo conceito de “escrevivência”, expressa uma produção literária comprometida com a experiência histórica das populações negras, especialmente das mulheres negras. Conforme indicado por Patrícia Hill Collins (p. 57), raça e gênero atuam em conjunto na formação das vivências das mulheres negras, demandando uma abordagem epistemológica que consiga compreender essa interseccionalidade. Assim, a reescrita de *Macabéa* por Evaristo inscreve-se como gesto estético-político que mescla reescrita, decolonialidade e feminismo negro, oferecendo uma nova leitura da personagem a partir de uma perspectiva historicamente silenciada e invisibilizada.

Macabéa e a Flor de Mulungu: o renascer de outra história

A reescrita de *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023),⁶ de Conceição Evaristo, insere-se no campo das práticas literárias que operam um deslocamento crítico em relação ao cânone, reconfigurando personagens consagradas a partir de epistemologias outras. Conforme propõe Hutcheon (p. 22), a reescrita não se limita à repetição ou adaptação de um texto anterior, mas constitui um processo de reinterpretação crítica que dialoga com o texto-fonte ao mesmo tempo em que o tensionam. Nesse sentido, a retomada da personagem Macabéa por Evaristo instaura um movimento de ressignificação que incide diretamente sobre os regimes de representação presentes em *A hora da estrela* (2020), de Clarice Lispector.

O texto inicia pelo fim que a escritora Clarice deu à sua personagem, no caso, a sua morte. É por meio da morte da Macabéa clariceana que surge a Macabéa de Evaristo, uma mulher que protagoniza sua história por meio de sua ancestralidade brasileira como marca maior de sua identidade. Na narrativa, somos guiados por uma narradora não identificada, porém é observadora, semelhante a Rodrigo S. M., narrador clariceano, cuja perspectiva de enunciação expõe desproporções relacionadas à classe, gênero e poder. Conforme aponta Spivak (p. 54), a representação do subalterno, quando filtrada por vezes hegemônicas, tende a reiterar silenciamentos, ainda que sob o pretexto da denúncia. Nesse horizonte, a Macabéa de Lispector configura-se como sujeito cuja existência é narrada, interpretada e delimitada por um outro, permanecendo alijada da possibilidade de agência discursiva. Sua morte, ao final do romance, opera como fechamento simbólico de uma trajetória marcada pela invisibilidade social.

Conceição Evaristo, ao retomar essa personagem, realiza um gesto que pode ser compreendido como decolonial, na medida em que desloca o eixo da enunciação e reinscreve Macabéa a partir de uma perspectiva negra, feminina e pós-colonial, oportunizando a personagem o agenciamento de seu próprio destino. A falência da figura clariceana, distando de significar um encerramento, transforma-se em um componente fundamental de uma narrativa de ressurgimento; a posição fetal da morte clariceana é idêntica àquela em que a protagonista de Evaristo desponta para uma nova existência, na qual possui a capacidade de agir e auxiliar no

6. O conto *Macabéa, Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo, tem sua origem em um projeto editorial da Editora Oficina Raquel, realizado em 2012, em homenagem aos 35 anos de falecimento de Clarice Lispector. Na ocasião, doze autores foram convidados a reescrever personagens clariceanas, cabendo a Evaristo a escolha de Macabéa, protagonista de *A hora da estrela* (2020). Posteriormente, em 2023, a autora publica uma versão ampliada do conto, acompanhada das ilustrações de Luciana Nabuco, estabelecendo um diálogo entre palavra e imagem que potencializa a proposta de ressignificação da personagem.

desenvolvimento de outras vidas. Tal escolha dialoga com concepções afrodiaspóricas de temporalidade e existência, nas quais a morte não é compreendida como ruptura definitiva, mas como passagem e continuidade, conforme discutem autores como Mbembe (p. 97) e Hall (p. 7) no âmbito das identidades diaspóricas.

A Macabéa de Evaristo emerge, assim, como sujeito atravessado pela ancestralidade e pelos saberes tradicionais, incorporando práticas historicamente deslegitimadas pelo pensamento colonial:

Das competências não anunciadas de Macabéa, Flor de Mulungu, além de ótima cerzideira, a moça tinha o ofício de parteira. Quem via os seus morosos dedos tropeçando nas teclas da máquina de datilografia não concebia, para suas mãos, o dom de amparar a vida em sua chegada ao mundo. E de outra arte, ainda Macabéa, sem nenhum alarde, possuía autoria. O chá de folhas maceradas de mulungu tinha efeitos sedativos (Evaristo, *Macabéa...*, p. 19).

Os ofícios de parteira, curandeira e cerzideira, atribuídos à personagem, podem ser lidos à luz das epistemologias do Sul (Santos, pp. 29-30), que reivindicam o reconhecimento de conhecimentos produzidos fora da racionalidade eurocêntrica. O símbolo do mulungu, planta associada à cura e à resistência, funciona como metáfora de uma subjetividade enraizada na relação com a terra, com o corpo e com a memória coletiva.

Nesse contexto, a narradora de *Macabéa, Flor de Mulungu* (2023) assume uma posição ética e política distinta daquela observada em *Lispector*. Embora também não se identifique nominalmente, sua voz aproxima-se da personagem por meio de um vínculo de pertencimento e semelhança, dissolvendo a distância hierárquica entre quem narra e quem é narrada, como se observa nesse trecho: “Eu não preciso de nenhum ardil para garantir que Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu. Tal a minha parença-mulher com ela. Repito, sou eu e são todos meus” (Evaristo, *Macabéa...*, p. 11). Tal estratégia narrativa dialoga com o conceito de escrevivência, formulado por Evaristo, que compreende a escrita como extensão da experiência vivida e coletiva das mulheres. Conforme a própria autora afirma, a escrevivência “não é para adormecer os da casa-grande, mas para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, “A escrevivência...”, p. 30).

A reconfiguração da personagem também pode ser analisada a partir da noção de agência. Enquanto a Macabéa clariceana é frequentemente representada como incapaz de compreender ou reagir às violências estruturais que a atravessam, cuja condição de imigrante nordestina na metrópole é marcada pelo desajuste, pela invisibilidade social e pela precarização do trabalho. Pode-se detectar essa

afirmativa através da visão de seu narrador, Rodrigo S. M., ao dizer que “ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (Lispector, p. 21). No entanto, a Macabéa de Evaristo é dotada de consciência prática, ainda que marcada pelo silêncio estratégico. Esse silêncio, longe de indicar alienação, constitui-se como forma de resistência, conforme sugere Bell Hooks (p. 294) ao discutir as linguagens do silêncio entre sujeitos subalternizados.

Outro aspecto central da reescrita é a valorização da ancestralidade feminina, explicitada pela tríade indígena, africana e europeia que atravessa a memória da personagem. Essa representação dialoga com o pensamento de Patrícia Hill Collins (“Epistemologia...”, p. 154), ao evidenciar a interseccionalidade entre raça, gênero e história na constituição das subjetividades das mulheres negras. Posto isto, pontuamos que a personagem não se constrói a partir de uma identidade fragmentada, mas de uma memória plural que fortalece sua existência e lhe confere pertencimento. Evaristo reelabora Macabéa contemplando as três principais etnias que compõem o povo brasileiro, dando assim, não só dinamicidade à história, mas circunscrevendo-a sob a perspectiva de homogeneidade e pluralidade do povo brasileiro.

Por fim, a resignificação da morte constitui um dos elementos mais expressivos do gesto decolonial operado por Evaristo. No texto clariceano, o narrador conclui a narrativa com o falecimento da protagonista, que é atingida por um carro de luxo, enquanto ao fundo ressoa a melodia de um violino. Seu narrador, assim, profere: “A morte é um encontro consigo. Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto. O melhor negócio é o seguinte: não morrer, pois morrer é inusitado, não me completa, eu que tanto preciso” (Lispector, p. 78). Em Evaristo, a morte torna-se o início de uma nova história, um novo enredo, ainda não revelado pela primeira autora, mas oportunizado por Evaristo sob um olhar decolonial, resignificando, assim, um outro direcionamento para a personagem. A narradora assim se pronuncia: “E enquanto Macabéa, em sua meia-morte, balbuciava parte de sua história, não tive dificuldade alguma para entendê-la. Ela falava por mim e para mim, tal a nossa semelhança” (Evaristo, *Macabéa...*, p. 28). Tal inversão rompe com a lógica trágica que historicamente recai sobre personagens subalternizadas, especialmente mulheres pobres e negras, e inscreve à personagem em um horizonte de reexistência e agenciamento de sua própria vida.

Diante do exposto, a reescrita de Macabéa por Conceição Evaristo não apenas dialoga criticamente com *A hora da estrela*, mas propõe uma revisão profunda das formas de representação literária, afirmando a literatura como espaço de disputa simbólica, memória ancestral e resistência epistemológica. Em *Macabéa, flor de Mulungu*, observamos que a reescrita de Evaristo oportuniza a releitura de uma

personagem já tão cristalizada na literatura canônica brasileira, e que o olhar decolonial de Evaristo deu a personagem uma reconfiguração destituída dos possíveis preconceitos e estereótipos figurados à mulher-personagem que Clarice produziu em seu enredo.

Considerações finais

“Rearranjar minha vida, retomar meus antigos ofícios” (Evaristo, *Macabéa...*, p. 31). Esta passagem sintetiza de modo emblemático a trajetória de Macabéa nas duas narrativas analisadas e permite compreender, sob uma perspectiva decolonial e feminista negra, os diferentes modos de inscrição da personagem na ordem social. Em *A hora da estrela*, a jovem nordestina migra para o Rio de Janeiro movida pela promessa de progresso e mobilidade social, promessa que, conforme aponta Aníbal Quijano (p. 132), está alicerçada na colonialidade do poder, estrutura que hierarquiza sujeitos a partir da articulação entre raça, gênero, classe e trabalho. Nesse contexto, Macabéa ocupa a base dessa hierarquia, configurando-se como corpo subalternizado e socialmente descartável.

A releitura de Conceição Evaristo desloca essa lógica ao reinscrever Macabéa como mulher negra cujos saberes e práticas – o parto, a costura, o cuidado com o corpo e a vida – são socialmente reconhecidos em sua comunidade de origem. Tais práticas, tradicionalmente associadas às mulheres negras, dialogam com o que Patrícia Hill Collins (*Pensamento...*, pp. 492-493) define como saberes situados, produzidos a partir das experiências concretas de opressão e resistência. Contudo, ao adentrar na metrópole, essas experiências são desvalorizadas, revelando um fenômeno de epistemicídio (Santos, p. 55) que atravessa, de maneira interseccional, raça, gênero e classe.

Ainda assim, diferentemente da narrativa clariceana, a morte de Macabéa em Evaristo não apresenta apagamento, mas reinvenção. A autora rompe com a racionalidade eurocêntrica e linear ao aproximar-se de cosmologias afrodiaspóricas em que vida e morte se articulam como continuidade. Tal fato narrativo pode ser interpretado como uma manifestação de desobediência epistêmica (Mignolo, p. 288), uma vez que desloca o foco do conhecimento e da narrativa para uma ótica feminina, negra e marginalizada.

À luz do feminismo negro-brasileiro, especialmente em Lélia Gonzalez (p. 40) e Nilma Lino Gomes (p. 235), a Macabéa de Evaristo é performática e resiliente em sua condição como mulher negra que não se desconecta de sua ancestralidade, pelo contrário, traz esse aspecto como uma armadura para resistir e ressignificar sua existência como mulher nordestina. Enquanto a Macabéa clariceana aproxima-se da

figura subalterna que, conforme problematiza Gayatri Spivak, “não pode falar” sem mediação (p. 85), a personagem de Evaristo recupera agência simbólica por meio da escrevivência.

Nesse sentido, a escrevivência, conceito formulado por Evaristo, articula-se diretamente ao feminismo negro ao compreender a escrita como prática política, coletiva e comprometida com a restituição de vozes historicamente silenciadas. Conforme aponta Collins (p. 456), raça e gênero operam de forma indissociável na vida das mulheres negras, e essa convergência se materializa na reconfiguração de Macabéa como sujeito diaspórico, miscigenado e atravessado por memórias ancestrais.

Assim, Macabéa, em *Macabéa*, Flor de Mulungu, estabelece-se como uma expressão literária decolonial e feminista negra, que desafia o cânone e sugere novas perspectivas de interpretação para a personagem clariceana. Ao reinscrever Macabéa a partir das margens, Evaristo transforma a literatura em um espaço de reexistência, no qual narrar significa não apenas contar outra história, mas reivindicar o direito de existir, falar e significar a partir de um lugar historicamente negado às mulheres negras nordestinas.

Referências

- Almeida, Rogério, e Fábio T. Masuda. “A Hora da Estrela entre a ficção e a realidade: ou o trágico em Macabéa.” *Intelligere: Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 3, n. 1 [4], pp. 31-41, 2017, <https://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/117093>. Acesso em 02 set. 2024.
- Barthes, Roland. “A morte do autor.” *O rumor da língua*, tradução de Mário Laranjeira, 3.^a ed., São Paulo, Martins, 2004, pp. 57-64. Coleção Roland Barthes.
- Collins, Patrícia H. “Epistemologia feminista negra.” *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, por Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel, 2.^a ed., Belo Horizonte, Autêntica. 2020, pp. 139-170. Coleção Cultura Negra e Identidades.
- Collins, Patrícia H. *Pensamento feminista negro: Conhecimento, consciência e política do empoderamento*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, São Paulo, Boitempo, 2020.

Evaristo, Conceição. "A escrevivência e seus subtextos." *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, organização de Constância L. Duarte e Isabella R. Nunes, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020, pp. 26-47.

Evaristo, Conceição. "Gênero e etnia: uma (escre)vivência de dupla face." *Mulheres no mundo: Etnia, marginalidade e diáspora*, João Pessoa, Ideia, pp. 201-212, 2005, <https://inegalagoas.org/wp-content/uploads/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf>. Acesso em 10 jan. 2026.

Evaristo, Conceição. *Macabéa, Flor de Mulungu*. Ilustrações de Luciana Nabuco, Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2023.

Evaristo, Conceição, e outros. *Extratextos 1: Clarice Lispector – Personagens reescritos*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2012.

Foucault, Michel. "O que é um autor." *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, vol. 3, p. 264-298.

Gomes, Nilma Lino. "O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos." *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, por Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel, 2.^a ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2020, pp. 223-247. Coleção Cultura Negra e Identidades.

Gonzalez, Lélia. "Por um feminismo afro-latino-americano." *Pensamento Feminista hoje: perspectivas decoloniais*, organização de Heloisa B. de Hollanda, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020, pp. 38-51.

Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro, 11.^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Hooks, Bell. *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, São Paulo, Elefante, 2019.

Hutcheon, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel, 2.^a ed., Florianópolis, Edições da UFSC, 2013.

Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, Rocco, 2020.

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança, Lisboa, Antígona, 2014.

Mignolo, Walter D. "Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política." Tradução de Ângela Lopes Norte. Caderno de Letras da UFF, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008, https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em 30 dez. 2025.

Quijano, Aníbal. "Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina." A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, organização de Edgardo Lander, Buenos Aires, CLACSO, 2005, pp. 117-142, https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 10 jan. 2026.

Santos, Boaventura de S. "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes." Epistemologias do Sul, organização de Boaventura de S. Santos, São Paulo, Cortez, 2010, pp. 31-83.

Sartre, Jean-Paul. Que é a literatura? Tradução de Carlos F. Moisés, 3.^a ed., São Paulo, Ática, 2004.

Spivak, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa, Belo Horizonte, UFMG, 2010.

Zappone, Mirian H. Y., e Vera Helena G. Wielewicki. "Afimial, o que é literatura?" Literatura: Abordagens históricas e tendências contemporâneas, organização de Thomas Bonnici e Lúci